



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS - FATECS

THIAGO PALMEIRA MARCOLINI MATTOS

SÉRIE DE REPORTAGENS: O CERRADO NO DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA

2016

THIAGO PALMEIRA MARCOLINI MATTOS

SÉRIE DE REPORTAGENS: O CERRADO NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2016

THIAGO PALMEIRA MARCOLINI MATTOS

SÉRIE DE REPORTAGENS: O FUTURO DO CERRADO NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 21 de junho de 2016

Banca Examinadora

Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira

Orientador

Prof(a). Renata Inecco Blttencourt

Examinadora

Prof. Cláudio Marcos

Examinador

BRASÍLIA

2016

Dedico esse trabalho a todos que compartilham a importância do meio ambiente, aos profissionais que se dedicam a estudar os biomas, e aos jornalistas ambientais.

Thiago Marcolini

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Maria do Carmo, pelo suporte e atenção durante todo o meu período na faculdade. Ela é meu exemplo de luta e persistência, e sempre está ao meu lado quando preciso.

Ao meu pai, Henrique Jorge, que mesmo distante na maior parte do tempo, sempre fez questão de acompanhar meu desempenho em Jornalismo.

Aos meus avós, Marluce, Marise, Elias e Palmeira, pelas oportunidades oferecidas que me fizeram chegar até aqui.

À minha tia, Norma Palmeira, que se comprometeu e honrou o compromisso de me ajudar ao longo da graduação.

Aos meus colegas de classe, Victor e Pedro, pelos bons momentos compartilhados e da amizade estabelecida dentro da faculdade.

Ao Rafael Santos, que me auxiliou na edição sonora das matérias e fez com que esta série de reportagens fosse possível.

Ao meu eterno professor de rádio, Cláudio Marcos, pelos ensinamentos na redação que levarei para o resto da vida e por aceitar o convite de participar da banca.

Ao mestre e amigo, Luiz Cláudio Ferreira, que consegue com sucesso transmitir a paixão jornalística que tem para os alunos, e é referência na profissão para muitos estudantes de Jornalismo.

Agradeço a todos que me apoiaram na construção deste trabalho. Muito obrigado!

RESUMO

Este é o memorial descritivo da produção da série de três reportagens O Cerrado no Distrito Federal, que apresenta a perda de espaço para o crescimento urbano e agricultura, legislação de proteção, e importância econômica do bioma para o Distrito Federal. O trabalho de conclusão de curso tem por objetivo trazer por meio de reportagens especiais de rádio o cenário do bioma em terras brasilienses. Como diferencial, o trabalho contém efeitos sonoros, sonorização e sons ambientes para auxiliar o ouvinte a compreender o assunto tratado. O constante aumento da região urbana aparece como a principal causa de desmatamento no DF. O avanço das áreas agrícolas preocupa atividades extrativistas no Cerrado, o que impacta diretamente na vida de quem depende de frutos naturais para sobreviver. O futuro da flora pode estar ameaçado. Em outra frente, as falhas na legislação dão brecha para a diminuição segundo maior bioma da América do Sul. Além da perda das espécies de fauna e flora, perde-se também a capacidade econômica do Cerrado. Conservado, a vegetação típica do Distrito Federal pode contribuir para a economia de Brasília.

Palavras-chave: Cerrado. Crescimento urbano. Agricultura. Legislação. Economia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETO DE ESTUDO	9
JUSTIFICATIVA	9
1 QUESTÕES DO TRABALHO	11
1.1 PROBLEMA	11
1.2 OBJETIVO GERAL	11
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 GENÊROS NOTÍCIA E REPORTAGEM NO RÁDIO	12
4 RADIOJORNALISMO NO BRASIL	15
5 O DESAFIO DE FALAR DE ASSUNTOS CIENTÍFICOS NO RÁDIO – JORNALISMO AMBIENTAL	18
6 ENTREVISTA PARA RÁDIO	21
7 DIÁRIO DE BORDO	24
7.1 Perda de espaço do Cerrado para urbanização e agricultura	24
7.2 Legislação de proteção ao Cerrado	25
7.3 Importância econômica do Cerrado	26
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICES	31
APÊNDICE A – Perda de espaço do Cerrado para o crescimento urbano e agricultura.....	31
APÊNDICE B - Legislação de proteção ao Cerrado.....	34
APÊNDICE C - Importância econômica do Cerrado	37

INTRODUÇÃO

Este projeto experimental tem por objetivo tratar de assuntos científicos, como o meio ambiente, em radiojornalismo. Diferente da TV e do impresso, que contam com o auxílio de imagens, no rádio a reportagem precisa ser mais descritiva. O ouvinte só tem uma chance de captar a mensagem passada pelo repórter no ar. O escasso jornalismo ambiental no Distrito Federal (DF) contribui para que as informações sobre a redução do segundo maior bioma da América Latina não cheguem à população.

O desmatamento do Cerrado no DF começou ainda na década de 1960, com a construção de Brasília. O terreno da então nova capital, de quase 6 mil quilômetros quadrados, era integralmente formado pela vegetação de árvores baixas (CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, 2004). Desde então, o constante crescimento urbano aliado à expansão das fronteiras agrícolas vindas do Sul, na década de 1970, deixaram a vegetação típica brasiliense em estado de alerta. Do ponto de vista da diversidade biológica, o Cerrado brasileiro é reconhecido como a savana mais rica do mundo, abrigando 11.627 espécies de plantas nativas já catalogadas (BRASIL, 2016). Considerando a área original de 204 milhões de hectares, o bioma já perdeu 47,84% de sua cobertura de vegetação até 2008, segundo o Projeto de Monitoramento do Desmatamento nos Biomas Brasileiros por Satélite, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (BRASIL, 2016).

Do ponto de vista da legislação, o Cerrado é protegido por leis federais e estaduais. No caso do Distrito Federal, muitas áreas são legalmente protegidas, mas ao mesmo tempo, permitem uma série de atividades que nem sempre mantêm a conservação como deveria ser. As brechas da legislação dão espaço ao aumento do desmatamento do Cerrado.

O bioma, em pé, ainda pode contribuir para a economia do Distrito Federal. O extrativismo é uma alternativa. A exploração sustentável das unidades de conservação, através do turismo, também é opção quando se fala em economia do Cerrado. O bioma, diferentemente da Amazônia, Mata Atlântica e Pantanal, não recebeu da Constituição Federal o status de "Patrimônio Nacional", tornando a conservação de sua biodiversidade uma tarefa mais difícil (WWF BRASIL, 2016).

OBJETO DE ESTUDO

A produção de três reportagens para rádio que mostram o cenário social, legal e econômico do Cerrado no Distrito Federal.

JUSTIFICATIVA

Dada à escassa cobertura sobre questões ambientais do jornalismo do Distrito Federal, era um desafio retratar o cenário do Cerrado em terras brasilienses sem o auxílio da imagem. A reportagem é uma história que precisa ser narrada da forma mais simples, clara e precisa. A narração de informações complexas por meio do rádio e a possibilidade de mexer com o imaginário do ouvinte tornaram o trabalho ainda mais instigante.

A falta de aparição de temas ambientais na mídia contribui para a lacuna existente na sociedade quando se trata de consciência ambiental, apontado por especialistas em meio ambiente como um dos caminhos para o equilíbrio entre urbanização e natureza. O objetivo é trazer um assunto complexo por meio do rádio, dar espaço ao jornalismo ambiental, e conscientizar sobre a importância do Cerrado. Dados do “Projeto de Monitoramento do Desmatamento nos Biomas Brasileiros por Satélite”, do Ministério do Meio Ambiente, indicam que o bioma já perdeu 47,84% de sua cobertura de vegetação até 2008.

Em um intervalo de aproximadamente 20 anos, 12 regiões administrativas foram criadas no DF. Dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) indicam que de 2000 a 2010, quase 500 mil pessoas chegaram ao Distrito Federal. Do ponto de vista legislativo, uma Proposta de Emenda à Constituição para incluir o Cerrado entre os biomas considerados patrimônio nacional tramita no Congresso desde 1995.

1 QUESTÕES DO TRABALHO

1.1 PROBLEMA

Como tratar de assuntos científicos no rádio?

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo foi o de tratar de assuntos científicos em rádio através da produção de três reportagens especiais sobre o cenário do bioma Cerrado no Distrito Federal.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Tratar de assuntos científicos por meio de reportagens de rádio
- Identificar motivos que levaram a atual situação do Cerrado no Distrito Federal.
- Identificar possíveis falhas na legislação brasileira que permitiram o desmatamento.
- Analisar como o Cerrado preservado pode contribuir para a economia do Distrito Federal

3 GENÊROS NOTÍCIA E REPORTAGEM NO RÁDIO

Falar em rádio é mais difícil do que aparenta ser. Diferente do impresso, onde o leitor pode ler várias vezes a matéria para entender o contexto, e da televisão, que tem o auxílio da imagem, no rádio o ouvinte só tem uma chance de ouvir a informação. O jornalista precisa ser mais descritivo do que em outros veículos pois não tem complemento visual.

A superação eletrônica do gênero impresso teve de se defrontar com questões relativas à adaptação do jornalismo escrito à forma sonora invisível. A palavra falada agregou novos elementos analógicos à linguagem, dificultando a utilização de técnicas desenvolvidas a partir do antigo suporte. (MEDITSCH, 1999, p. 142)

A maneira de se captar a atenção do ouvinte é o entusiasmo. Se as notícias forem transmitidas de forma apática e desanimada, a narração será maçante. Escrever para rádio é ilusoriamente simples. O texto da notícia deve ser claro e conciso, de forma atrativa, e direto. Deve ser coloquial, mas com respeito à língua portuguesa. (CHANTLER; STEWART, 2007, p. 45)

O texto jornalístico segue normas universais [...] O que difere o texto do rádio em relação aos veículos da imprensa escrita é a instantaneidade do meio. O ouvinte só tem uma chance para entender o que está sendo dito. Lembre-se de que a mensagem no rádio se “dissolve” no momento em que é levada ao ar”. (BARBEIRO; LIMA, 2001, p. 62)

No rádio, emoção e empatia são dois conceitos que integram qualquer receita de boa reportagem. Não deve se abrir mão de apurar os fatos no local do acontecimento, e nem do contato com o público. Assim, o repórter é capaz de encontrar bons personagens e dar vida ao trabalho jornalístico. O cidadão costuma entender melhor os temas quando se reconhece neles. (JUNG, 2004, p. 115)

O começo de uma notícia ou reportagem em rádio deve ser direto para conquistar o ouvinte. O ineditismo do fato pode não estar na pauta, mas os acontecimentos sempre têm um desdobramento que vale como gancho para uma nova história. Um bom texto começa com boa apuração do repórter e curiosidade para ir mais além no assunto, aliado à criatividade na hora de escrevê-lo.

Se há informações que o ouvinte necessita saber, o repórter deve entender o que ele precisa saber e por quê. A grande força do rádio é instantaneidade. O uso do tempo no presente, que dá a impressão de que o fato está acontecendo na hora, geralmente é apropriado, em especial nas primeiras linhas do relato. (CHANTLER; STEWART, 2007, p. 49, 50).

Segundo Chantler e Stewart, a notícia radiofônica não segue necessariamente as regras da gramática, assim, deve-se escrever um texto nos moldes da língua falada. A simplicidade em transmitir a informação é essencial para que o ouvinte capte toda a mensagem.

O rigor na apuração dos fatos é determinante para a qualidade da reportagem. O repórter precisa reunir o máximo de informações sobre o assunto da pauta, e o texto deve responder a todas as perguntas comuns que o ouvinte poderia fazer. De acordo com Barbeiro e Lima (2001, p. 21), a reportagem deve ser completa, com começo, meio e fim. Nunca imagine que o ouvinte já conheça os antecedentes do fato, mesmo que este venha sendo noticiado com frequência.

De acordo com os autores, notícias e reportagens precisam ter ritmo, mesmo embora reportagens sejam mais longas e detalhadas. Frases intercaladas, entre vírgulas, devem ser evitadas. A pontuação merece atenção especial, já que não é a mesma dos textos dos jornais.

Quanto à locução, o fato no radiojornalismo exige entonação de voz. A narração varia de acordo com o acontecimento relatado pelo repórter. Identificar o público e a situação em que se transmitirá a mensagem são fatores importantes

para o repórter ou apresentador. Sons ambientes ajudam deixam o produto final em rádio mais vivo.

Ser simples, claro e objetivo é usar linguagem coloquial, sem vulgaridade. É falar e escrever de forma que o ouvinte entende de imediato. Mesmo expressões usadas com frequência podem ser evitadas. É o caso de reforma tributária que pode ser traduzida por mudanças nos impostos. (JUNG, 2004, p. 62).

A edição de notícias e reportagens também precisa ser cautelosa. Em uma entrevista gravada, anotar os minutos em que o entrevistado disse algo que possa ser utilizado é precioso para que se ganhe tempo na hora de fechar o texto que vai ao ar. Tanto na notícia quanto na reportagem, é importante que o tempo da matéria esteja anotado corretamente pelo repórter. (CHANTLER, HARRIS. 1998, p. 119).

A linguagem do rádio tem suas bases em quatro elementos: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Esses elementos podem ser utilizados em qualquer comunicação radiofônica, independentemente do seu tempo de duração, formato, tipo de texto ou conteúdo. A escolha de quais e quantos desses elementos integrarão a comunicação radiofônica depende, exclusivamente, do resultado que se pretende obter. (CÉSAR, 2005, p.143).

Mesmo sendo gêneros jornalísticos diferentes, notícia e reportagem no rádio exigem linguagem simples, objetiva e direta. A qualidade da notícia, mais sucinta, e da reportagem, mais detalhada, passa diretamente pela apuração do repórter. A transmissão da informação deve ser feita de maneira clara e com entonação, já que no rádio o ouvinte só tem a chance de captar a mensagem uma vez.

4 RADIOJORNALISMO NO BRASIL

Em 1922, no centenário da Independência, o então presidente da República Epitácio Pessoa fez o discurso da primeira transmissão oficial de rádio no Brasil. Mesmo com a chegada da TV em 1950 e da internet no final do século 20, o veículo resiste em meio à constante modernização dos meios de comunicação.

Em 1923, Edgar Roquette-Pinto comandava a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Com finalidade educativa, e mesmo de forma amadora, foi a primeira a atuar com regularidade no país. Os ouvintes eram contribuintes ou sócios que financiavam a emissora.

Mesmo sem hora certa para entrar no ar, Roquette-Pinto foi o responsável pela primeira experiência jornalística no rádio brasileiro, com o Jornal da Manhã, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Com um lápis vermelho na mão, o professor Edgar Roquette-Pinto lia atentamente os principais jornais do Rio de Janeiro [...] Os textos rabiscados eram a fonte de informação do Jornal da Manhã [...] O programa não tinha hora certa para começar. Ou melhor, tinha: assim que Roquette-Pinto terminasse a leitura dos jornais impressos. (JUNG, 2004, p. 19).

A história da radiodifusão é marcada por dúvidas. É importante ressaltar que há quem defenda que a primeira emissora de rádio no Brasil foi a Rádio Clube de Pernambuco, fundada no Recife, em abril de 1919. Segundo Jung, registros mostram que a experiência estava mais próxima da radiotelefonia.

Ao longo da década de 1920 e no começo da década de 1930, algumas rádios surgiram pelo Brasil. Até então, apenas as rádios Sociedade do Rio de Janeiro e Clube de Pernambuco atuavam. As transmissões eram intercaladas, cada uma ia ao ar três vezes na semana. Em 1925, surge a Rádio Pelotense, do Rio Grande do Sul, a primeira do interior do país. Em seguida, surgiram a Rádio Educadora Paulista, a Rádio São Paulo e a Rádio Cruzeiro do Sul, em São Paulo.

As emissoras começaram a se espalhar pelo Brasil em estados como Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará e Maranhão.

Com o passar dos anos, as reportagens de jornais rabiscadas com o lápis vermelho de Roquette-Pinto deram espaço a laudas com textos de tamanhos pré-determinado. Em agosto de 1941, estreia no Brasil o histórico Repórter Esso, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O manual de produção era inovador. A notícia era redigida com períodos curtos e de forma direta. Tinha textos objetivos, sem adjetivos. Impedia-se de ler no ar as notícias da mesma maneira que eram escritas por agências para serem reproduzidas em jornais impressos. (JUNG, 2004, p. 31).

O locutor Heron Domingues foi a voz mais conhecida do Esso. Foi ele, por exemplo, que mediu o tempo de leitura e começou a numerar as linhas. Então era fácil determinar quanto tempo iria durar um jornal. (JUNG, 2004, p. 33).

Ainda na década de 1930, mais precisamente em 1935, surge a Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, primeira emissora do grupo Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand. Quatro anos depois, entrou no ar o Jornal Falado Tupi, que introduziu um modelo de radiojornal diferente do estabelecido pelo Repórter Esso. Quatro locutores ofereciam transmissão mais dinâmica e mais ágil na informação. Mais de oitenta anos depois, a fórmula permanece no rádio brasileiro.

Na mesma década, as propagandas começam a fazer parte da programação de rádio no Brasil. Com o advento da publicidade, as emissoras passaram a de fato disputar o mercado. O caráter educativo foi aos poucos deixado de lado e dando espaço aos interesses mercantis. O veículo entra nos anos 40 em uma era chamada “época de ouro do rádio brasileiro”. O rádio se tornava popular no país. (ORTRIWANO, 1985, p. 19, 21).

Com a chegada da televisão, o rádio colocou o repórter na rua para acompanhar os fatos de perto e transmitir ao ouvinte o que acontecia naquele momento. Surgia a necessidade de oferecer informação ao vivo. (JUNG, 2004, p. 37).

Já na década de 1960, a Rádio Jornal do Brasil chama atenção para jornalismo. Os serviços de utilidade pública passam a fazer parte da programação. Mais ênfase na reportagem com notícia rápida e certa ganha a marca da credibilidade com o ouvinte.

A programação não usava apenas notícia. Ainda usava o recurso de intercalar música com os programas jornalísticos. Seja como for, a Rádio JB, apoiada no jornalismo consagrado pelo Jornal do Brasil, investiu em uma programação dedicada quase que exclusivamente à notícia, em maio de 1980. (JUNG, 2004, p. 43).

Ao longo do tempo, o rádio foi se adaptando à novas características. A tendência de especialização foi crescendo. Não por acaso, o jornalismo continua presente na programação das rádios brasileiras, seja em notícias intercaladas com música ou em emissoras que compõem a programação apenas com conteúdo jornalístico, sejam elas de televisão ou de rádio.

5 O DESAFIO DE FALAR DE ASSUNTOS CIENTÍFICOS NO RÁDIO – JORNALISMO AMBIENTAL

A divulgação de informações científicas, dentre as quais também se inclui as tecnológicas, torna público os efeitos políticos, econômicos e sociais diretamente afetados pela ciência, que interferem na vida da sociedade e são imperceptíveis às pessoas não informadas. A ciência do meio ambiente é repleta de informações que precisam ser transmitidas pelos veículos de comunicação pela dependência do ser humano em sobreviver de recursos vindos da natureza.

O meio ambiente é pauta, mas em geral ocupa pequenos espaços na corrida rotina de uma redação. As reportagens são muitas vezes fruto do interesse do próprio repórter. Talvez pela complexidade dos assuntos e pela ainda incipiente presença do jornalismo ambiental nas faculdades de Comunicação Social. (VILAS BOAS, 2004, p. 22).

Nos lugares onde as ONGs ambientalistas são mais atuantes e organizadas, o noticiário ambiental tende a ser mais frequente devido ao trabalho dos ecologistas. No final de 1998, foi criada a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, uma articulação eletrônica com mais de 270 profissionais especializados ou interessados no tema que atuam nas principais cidades brasileiras em veículos, assessorias de comunicação, universidades e entidades ligadas à ecologia. (VILAS BOAS, 2004, p. 21).

O jornalismo ambiental exige que o jornalista seja criterioso na hora de transmitir a informação. A complexidade dos temas ambientais e como eles interferem na política, economia e sociedade precisa ser entendida por quem recebe a mensagem. Uma das funções da mídia no jornalismo ambiental, assim como em todas as áreas, é a de enxergar o problema com todas as suas nuances e transversalidades, para depois exigir dos responsáveis algum tipo de solução. É importante que o lado de lá do jornalismo, ou seja, o lado do receptor das informações, forme uma massa cada vez mais crítica sobre o assunto. (VILAS BOAS, 2004, p. 79, 80).

A produção do conhecimento científico e o conseqüente desenvolvimento tecnológico estão presentes nas ações mais corriqueiras no nosso dia-a-dia. A televisão, o rádio, o transporte rápido, são produtos do engenho humano integrados ao nosso cotidiano. As decisões políticas sobre grandes programas científicos e tecnológicos passam, em um país democrático, pelo Congresso Nacional. O jornalismo científico pode entrar em cena como agente facilitador na construção da cidadania. (OLIVEIRA, 2002, p. 14, 15).

As reportagens especiais em rádio possibilitam transmitir uma notícia com maior profundidade. Ao se falar de um bioma como o Cerrado, por exemplo, é possível levantar informações sobre diversos temas que não têm espaço no noticiário diário. Outra vantagem é que elas oferecem mais oportunidades para a criatividade, uma vez que é possível usar efeitos sonoros e musicais junto com as entrevistas. A reportagem sonorizada pode ajudar o ouvinte a se interessar mais pela história e ouvi-la com mais atenção.

As ciências ambientais transmitidas pelo rádio também dão a chance ao repórter de passar ao ouvinte a percepção da natureza por meio de sons que caracterizem o ambiente. Sem o auxílio da imagem, o desafio é captar a atenção somente por áudio. Isso pode ser feito por efeitos virtuais, disponíveis gratuitamente em sites da internet, ou através de uma passagem feita no local citado no texto. Caminhada por dentro de uma mata, próximo a uma cachoeira e na beira do mar são exemplos que deixam a história contada mais viva e próxima do receptor. Em assuntos científicos, quanto mais fácil para o ouvinte entender, melhor.

Uma sonora pode ser acrescentada à matéria não para repetir o que o repórter disse, mas para acrescentar uma informação nova. A grande vantagem das matérias mais longas é que fazendo uso correto das sonoras, os dois lados conflitantes podem ir ao ar na mesma gravação. (CHANTLER; STEWART, 2006, p. 203).

A reportagem especial em rádio segue os padrões que o veículo exige para um bom material. Deve ter forma própria e uma história para contar. Em relação às fontes, os jornalistas ambientais têm à disposição desde 2003 a lei nº 10.650/03, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que garante livre acesso às informações ambientais.

Além da fonte documental, a divulgação de ciência deve partir inicialmente de fontes primárias, que são os responsáveis pelo planejamento e distribuição dos recursos – os órgãos governamentais – e sobretudo da comunidade científica concentrada nas universidades e instituições de pesquisa, responsáveis pelo estudo e pela produção da ciência.

Para que o jornalismo ambiental ocorra com sucesso, é preciso um jornalismo que vá além da mera constatação do aprofundamento da agressão ambiental ao planeta e incorpore novos paradigmas civilizatórios na cobertura das crises ecológicas sem precedentes no campo dos recursos hídricos e das alterações climáticas globais. Um jornalismo que deixe de tratar a informação como simples espetáculo. (VILAS BOAS, 2004, p. 150).

6 ENTREVISTA PARA RÁDIO

Quando se fala em jornalismo, a entrevista está na lista de atividades mais antigas. No rádio, ela se difere do impresso pela capacidade de conseguir transmitir mais emoção, já que sons ambientes e a entonação da voz podem ser diferenciais para o ouvinte. Uma entrevista bem-feita pelo repórter é capaz de acrescentar novos conhecimentos, esclarecer fatos e outras reportagens podem surgir através da fala do entrevistado.

A entrevista deve ter começo, meio e fim. É preciso planejar o tempo disponível, informar-se sobre o tema e preparar as perguntas com antecedência. A falta de preparo pode dar ao entrevistado a chance de transformar a entrevista em palanque, púlpito ou algo semelhante. (BARBEIRO; LIMA, 2001, p. 46).

O entrevistador deve durante a entrevista colocar-se no lugar do ouvinte e perguntar aquilo que considera mais importante sobre o assunto pautado, com foco no que quem está ouvindo deseja saber. Não pode ser apenas uma conversa informal. O jornalista também deve estar atento às mudanças no rumo de uma entrevista. No jornalismo, a pauta está sujeita a alterações. Se uma resposta levar a outro tema mais importante, o novo tema pode se tornar o ponto central da entrevista. Segundo Barbeiro e Lima (2001, p.47) “ao longo da entrevista, não tenha receio de repetir o nome do entrevistado, seu cargo e função. Não esqueça de que a audiência do rádio é rotativa. Longos períodos sem a descrição podem não atrair o ouvinte”.

As entrevistas podem ser ao vivo ou gravadas. No caso das gravadas, retira-se um trecho das respostas do entrevistado que respondam a questões levantadas pela reportagem e que podem ser melhor explicadas na voz do entrevistado, principalmente em termos técnicos. São as chamadas sonoras. Nesse caso, o

recomendável é que tenha entre 10 e 20 segundos de duração. Mais do que isso pode tirar a atenção do ouvinte.

O repórter deve fugir de respostas que se baseiam em “sim” e “não”. Em entrevistas para o rádio, as tradicionais *quem? O quê? Onde? Por quê? Quando? e Como?* devem ser empregadas com frequência. Se a entrevista revelar informações, é mais provável que alcance seu objetivo se as perguntas forem curtas e diretas, porém abertas. (CHANTLER, STEWART, 2007, p. 113).

No caso da entrevista ao vivo, embora a linguagem verbal seja de interesse para a transmissão no rádio, a postura do entrevistado também é algo que merece atenção, pode revelar algum desconforto. O cuidado ao segurar o microfone é fator fundamental para que a entrevista não tenha ruídos. O microfone do entrevistado deve ficar sempre na altura do queixo.

Fazer uma entrevista é um trabalho delicado – muito mais para quem trabalha em rádio do que em jornal impresso, porque não se tem apenas que obter a informação, mas também um som. O ouvinte quer ouvir mais a voz do entrevistado do que a do entrevistador. Demonstre seu interesse real pelo entrevistado. Faça-o sentir importante e mostre interesse e curiosidade por ele. Não pule subitamente de um assunto para outro. (CHANTLER; STEWART, 2007, p. 117).

Dar liberdade ao entrevistado é fundamental para que ele se sinta à vontade durante a entrevista. No entanto, o repórter não pode deixar que ele guie a conversa. Não se deve ficar preso a um script pré-estabelecido, é importante abrir espaço para que a pessoa acrescente perguntas que não foram feitas e dê sugestões de novos temas.

Não há um método de entrevista, mesmo porque a relação entre profissional e fonte é dinâmica e não estática, constituindo-se sim em um processo. A arte da entrevista reside em um ciclo de saber perguntar, ouvir a resposta, reprocessar o que foi dito e questionar novamente. (FERRARETTO, 2001, p. 277).

O cuidado quanto ao tom de voz, tanto do entrevistado quanto do entrevistador, também é importante. O locutor deve ficar atento à forma como o entrevistado fala. Se estiver falando muito baixo, de modo a dispersar a atenção do ouvinte, deve-se alertar para que a pessoa fale mais alto. No caso de quem estiver entrevistando, o controle das tomadas de fôlego é essencial. O ar deve ser expulso de forma lenta e regular para que a respiração seja silenciosa. (CÉSAR, 1990, p.109).

Um exemplo de entrevista, que foi utilizada nessa série de reportagens, é a interpretativa, conceito utilizado por Chantler e Stewert (2007, p. 113). Segundo os autores, o assunto se restringe a interpretar alguns fatos já existentes. Nesse caso, pode-se elaborar perguntas usando “o quê?”. Quando o entrevistado é um especialista, o jornalista deve se certificar que o assunto ficou claro. Expressões ou jargões de áreas específicas devem sempre ser esclarecidos, para não se fazer interpretações equivocadas sobre determinado tema e confundir o ouvinte.

É preciso ficar atento para evitar que o entrevistado fuja da pergunta. Quando uma pergunta não for respondida, deve-se insistir imediatamente. Em casos singulares, é preciso dizer firmemente que ele não responde ao que foi perguntado. Tente conhecê-lo o máximo possível. Informe-se sobre o tema abordado e o entrevistado. (BARBEIRO; LIMA, 2001, p. 48).

Tratar de assuntos científicos no rádio, como o meio ambiente, necessariamente exige entrevistas com especialistas no tema. A complexidade de termos e conceitos ambientais passados pelos entrevistados devem ser simplificados no texto, de modo que o ouvinte capte a mensagem na única chance que terá de ouvir a informação. Os trechos mais técnicos e mais difíceis de ser explicados devem ser colocados na própria voz dos entrevistados, de modo que acrescente informação à reportagem.

7 DIÁRIO DE BORDO

7.1 Perda de espaço do Cerrado para urbanização e agricultura

Na produção da primeira matéria, percebi um ar de desânimo de todos os especialistas entrevistados. Até mesmo do secretário do Meio Ambiente do Distrito Federal. Perguntei sobre o tema a todos os entrevistados ao longo da série. Um tom de conformismo parecia ditar o ritmo das respostas ao falarem da enorme quantidade de Cerrado que já perdeu espaço para o crescimento urbano e agricultura.

Algumas opções de fontes, casos de alguns órgãos públicos do Distrito Federal e professores da Universidade de Brasília sequer responderam minhas demandas. A dificuldade em conseguir entrevistas não foi exclusividade da primeira matéria, se estendeu durante toda a produção do trabalho.

Vivi o chamado “esforço da reportagem”. Pedi dispensa de um dia de estágio para ir ao Jardim Botânico, onde entrevistaria um professor da Universidade de Brasília em um evento de conscientização sobre o uso da água para alunos de colégios públicos. O professor não apareceu. Para minha sorte, o secretário do Meio Ambiente havia sido convidado para o evento e compareceu no final da tarde. Gravei com ele e acabei conseguindo uma sonora inesperada. Entrei em contato com o professor e consegui gravar a entrevista.

A entrevista com os ambientalistas também foi difícil, tive dificuldades em contatá-los. Tentei e-mail, telefone, redes sociais, e não obtive resposta. O jeito foi tentar a sorte. Em um evento na Câmara dos Deputados, de uma frente parlamentar ambientalista, fui acompanhar o evento na esperança de encontrar alguma fonte, já que estava com dificuldades em conseguir entrevistas. Ao final do evento, 10 minutos de conversa sobre Cerrado com um grande especialista sobre o assunto.

7.2 Legislação de proteção ao Cerrado

A ideia da reportagem era mostrar, do ponto de vista legal, quanto de Cerrado se tem protegido no Distrito Federal. Os dados disponibilizados no site do Ministério do Meio Ambiente foram de suma importância. A dificuldade em conseguir fontes persistiu. No Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), havia a entrevista marcada com o superintendente de fiscalização ambiental às 14h30 de uma terça-feira. Cheguei ao IBRAM com 15 minutos de antecedência.

Vasculhei o código florestal brasileiro e levei a parte que trata do Cerrado impressa aos especialistas entrevistados. Nessa hora, percebi um tom de indignação da maioria, como se estivessem inconformados com o sistema legislativo que deixa brechas na proteção do bioma.

Fiz questão de procurar um personagem que preservasse Cerrado em casa para abrir a reportagem. A ideia foi mostrar na prática o exemplo de reserva legal. Esse personagem também não foi fácil de encontrar. Muitos proprietários de terrenos em áreas rurais que tentei contato se recusaram a gravar entrevista sobre o assunto. Na passagem de abertura da reportagem, quis levar ao ouvinte a sensação de estar perto do Cerrado, caminhando pela mata com o personagem ao longo da fala. Pude perceber que o Cerrado preservado dentro de casa traz um ambiente mais natural ao lugar. Havia pomar, biodigestor e um grande espaço do bioma inteiramente preservado.

7.3 Importância econômica do Cerrado

Na terceira e última reportagem, quis expor o que passa despercebido em matérias sobre meio ambiente nos veículos de comunicação. Como o Cerrado, em pé, pode contribuir para a economia de um Estado. Tive muitas dificuldades em conseguir informações sobre o tema no Distrito Federal. Os especialistas ouvidos me alertaram que encontraria dificuldades na obtenção dos dados.

Tive a oportunidade de conhecer frutos do Cerrado que não conhecia. Castanha-de-barú é um exemplo. Conheci através dos sorvetes fabricados pela dona Bernadete, personagem da matéria. Isso é possível pela prática extrativista. O medo quanto ao avanço da agricultura assusta muito dona Bernadete. Na entrevista, ela me pareceu se preparar para um futuro não tão distante, quando não haverá mais frutos suficientes para ela fabricar os sorvetes. Ela citou três sabores que não consegue mais fazer pela falta de matéria-prima.

Os entrevistados fizeram questão de expor que o Distrito Federal tem potencial para explorar mais economicamente as Unidades de Conservação, mas a falta de eficiência na gestão pública é fator fundamental para que isso não ocorra.

Em todas as entrevistas da série, fiz questão de perguntar a opinião de cada um sobre o futuro do Cerrado. Todos, sem exceção, se mostraram preocupados quanto à existência do bioma. E isso pude perceber também no povo fala da primeira matéria. Na Rodoviária do Plano Piloto, conversei com várias pessoas que relataram a percepção de diminuição da vegetação natural ao longo dos anos.

CONCLUSÃO

A inserção de temas ambientais na cobertura jornalística é importante para que haja mudança de comportamento social, já que a sociedade tem parcela de contribuição importante para a preservação do meio ambiente. O rádio, como veículo de comunicação formador de opinião, tem potencial para estimular a conscientização ambiental.

Mesmo com áreas verdes em diversos pontos, o Distrito Federal está com o alerta de desmatamento do Cerrado acesso há muito tempo. Em um intervalo de aproximadamente 20 anos, 12 regiões administrativas surgiram no DF. Tais cidades foram construídas em espaços antes ocupados por Cerrado. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que de 2000 a 2010 quase 520 mil pessoas chegaram ao Distrito Federal (IBGE, 2011).

Quando se olha especificamente para o Cerrado do DF, o crescimento urbano é o principal vilão da redução do bioma. O avanço da agricultura já destruiu boa parte do Cerrado de Goiás e está destruindo também a vegetação da capital.

O desmatamento também passa pelo sistema legislativo. A lentidão no andamento de questões de proteção ao bioma e de punição para quem desmata é fator importante da diminuição da vegetação. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o DF já perdeu 69% de todo o Cerrado original. Ainda assim, um pouco de progresso foi visto na reformulação do código florestal brasileiro, reformulado em 2012. A quantidade de vegetação que deve ser protegida em posse ou propriedade rural passou de 20% para 35%. Se a legislação fosse mais rígida quanto a proteção ao meio ambiente, a convivência entre sociedade e natureza poderia ser mais intensa. A população teria mais áreas verdes disponíveis.

Com a redução do Cerrado, perde-se a capacidade do bioma de contribuir para a economia. Muitos frutos típicos da vegetação não são conhecidos pela população. A atividade extrativista, além de ser fonte de renda, garante que a vegetação seja explorada e continue em pé. Unidades de Conservação poderiam abrir mais espaço ao público, através de trilhas, passeios, abertura da biodiversidade para a sociedade. Com ingressos a baixo custo, a visitação gera renda que pode servir para a manutenção das próprias unidades. Mais uma vez, a eficiência da gestão pública é um empecilho.

O Cerrado é de suma importância para a sobrevivência da população não só do Distrito Federal, mas para boa parte do Brasil. O bioma abriga as nascentes de importantes bacias hidrográficas da América do Sul: Platina, Amazônica e São Francisco. A vegetação limpa o ar cada vez mais poluído da crescente Brasília. É lar de mais de 11 mil espécies de animais, o que prova que é importante não só para o ser humano. Com nível de desmatamento atrás apenas da Mata Atlântica, o futuro do Cerrado está ameaçado. Mais do nunca, o cuidado com o meio ambiente é imprescindível.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vita de. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Icinsorm, 1970.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Controle e Prevenção do Desmatamento**. Disponível em < <http://www.mma.gov.br/florestas/control-e-preven%C3%A7%C3%A3o-do-desmatameto>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Monitoramento do desmatamento nos biomas brasileiros por satélite: monitoramento do bioma Cerrado 2009-2010**. Disponível em <http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/relatoriofinal_cerrado_2010_final_72_1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **O bioma Cerrado**. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>>. Acesso em 08 mar. 2016.

CÉSAR, Cyro. **COMO FALAR NO RÁDIO: Prática de locução AM e FM. Dicas e toques**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CÉSAR, Cyro. **RÁDIO: A mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul. STEWART, Peter. **Fundamentos do radiojornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro.** Disponível em <<http://cmbbc.cpac.embrapa.br/RelatDesmatamCerrado%20CIBrasil%20JUL2004.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre. Sagra, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Evolução populacional e pirâmide etária.** Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=530010>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeto de Monitoramento do Desmatamento dos Biomas Brasileiros por Satélite: Cerrado.** Disponível em <http://siscom.ibama.gov.br/monitora_biomass/PMDBBS%20-%20CERRADO.html>. Acesso em: 18 fev. 2016.

INSTITUTO BRÁSÍLIA AMBIENTAL. **Unidades de Conservação.** Disponível em <<http://www.ibram.df.gov.br/informacoes/unidade-de-conservacao.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio.** São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico.** São Paulo: Contexto, 2002.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

VILAS BOAS, Sérgio. **Formação e informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2004.

WORLD WILDLIFE FUND BRASIL. **Curiosidades sobre o Cerrado.** Disponível em <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/biomass/bioma_cerrado/bioma_cerrado_curiosidades/>. Acesso em: 12 mar. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Perda de espaço do Cerrado para o crescimento urbano e agricultura

{POVO FALA – IMPORTÂNCIA DO CERRADO E PERCEPÇÃO DA DIMINUIÇÃO DO BIOMA}

20”

{SOBE SOM}

+ Cerrado. Cerca de 22% de todo o território nacional em 12 estados brasileiros.

+ A vegetação de árvores baixas e galhos retorcidos abriga a savana mais rica do mundo, com mais de 11 mil TIPOS de plantas nativas e duas mil espécies de animais.

+ O segundo maior bioma da América do Sul, no entanto, é o mais ameaçado do país.

{SOBE SOM – SONS DE ÁRVORES CAINDO, CAMINHÕES..}

{SOBE SOM – TRILHA REPORTAGEM}

+ O processo contínuo de desmatamento do Cerrado fica atrás apenas da Mata Atlântica, superando inclusive a Amazônia.

+ No Distrito Federal, a crescente redução da vegetação natural começou ainda na década de 1960, junto com a construção de Brasília.

+ Desde a inauguração da capital, o espaço é alterado para dar lugar à paisagem urbana. É simples. A construção dos prédios soterra a memória natural de um espaço.

+ Em um intervalo de aproximadamente 20 anos, 12 regiões administrativas foram criadas no DF.

+ Os dados mais recentes do Ministério do Meio Ambiente apontam que o Distrito Federal perdeu mais de quatro mil quilômetros quadrados de Cerrado desde a década de 1950, cerca (nada menos do que) de 69% de toda a vegetação natural.

+ Para o professor do Núcleo de Estudos Ambientais da Universidade de Brasília, Gustavo Souto, a construção civil dos últimos anos é o principal fator da redução do Cerrado.

{SONORA GUSTAVO SOUTO}

20”

{SOBE SOM}

+ Uma lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação prevê o pagamento de uma compensação ambiental através de um cálculo entre a soma dos investimentos necessários para implantação de um empreendimento e o grau de impacto nos ecossistemas.

+ Parque Jequitibás, em Sobradinho, e Parque do Cortado, em Taguatinga, são exemplos práticos do emprego da compensação.

+ Mesmo assim, para o secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal, André Lima, o mecanismo precisa ser mais efetivo.

{SONORA ANDRÉ LIMA}

20”

{SOBE SOM – TRILHA REPORTAGEM}

+ Outro grande vilão que contribui para o desmatamento do Cerrado tem característica bem diferente de prédios e casas: a agricultura e em especial, a produção de soja.

+ Grandes quantidades de pesticida e remoção da cobertura do solo aceleram o esgotamento dos recursos naturais.

+ A Bacia do Rio Preto, uma das mais importantes do Distrito Federal, por exemplo, perde sistematicamente capacidade hídrica por causa da irrigação intensiva das plantações de soja.

+ Para o ambientalista Dener Giovanini, a perda de espaço do Cerrado para a agricultura é resultado da adoção de antigas políticas de comércio no Brasil.

{SONORA DENER GIOVANINI}

20”

{SOBE SOM}

+ Na próxima reportagem da série, as falhas da legislação florestal brasileira que permitem o rápido desmatamento e redução do segundo maior bioma da América do Sul.

Com sonorização de Rafael Santos

De Brasília,

Thiago Marcolini

APÊNDICE B - Legislação de proteção ao Cerrado

{SONORA LUCAS RIBEIRO - PERSONAGEM}

{SOBE SOM – SONS DE TRANSPORTE E CIDADE - TRILHA REPORTAGEM}

+ O espaço do bioma que Lucas preserva no quintal é um exemplo prático do que se chama de Reserva Legal - área do imóvel rural que deve ser coberta por vegetação e que pode ser explorada com o manejo florestal sustentável.

+ Pelo Código Florestal Brasileiro, totalmente reformulado em 2012, 35% de Cerrado devem ser preservados em propriedade ou posse rural.

+ A legislação tenta, ainda que discretamente, proteger ao menos uma parte de todos os biomas brasileiros frente ao contínuo crescimento urbano.

+ Além do Código Florestal, existe o chamado Sistema Nacional de Unidades de Conservação, UM DOCUMENTO que estabelece princípios básicos para As Unidades de Conservação da Natureza.

+ Mas a proteção legal ao bioma esbarra no burocrático sistema legislativo.

GRITARIA DE CONGRESSO

+ Uma Proposta de Emenda à Constituição para incluir o Cerrado entre os biomas considerados patrimônio nacional, por exemplo, tramita no Congresso desde 1995.

+ Para a doutora em Ecologia e professora de Engenharia Florestal, Carmen Regina Correia, fatos como o de lentidão nos avanços legislativos são fator importante na expansão do desmatamento.

{SONORA CARMEN UNB}

22”

{SOBE SOM}

+ No caso do Distrito Federal, o Cerrado ainda é protegido pelo Sistema Distrital de Unidades de Conservação, que regulamenta áreas como parques, estações ecológicas e reservas biológicas.

+ Na teoria, 90% do DF está sob o regulamento de alguma Unidade de Conservação, muito por conta das Áreas de Proteção Ambiental, que, por definições da própria lei, permitem atividades dentro do território demarcado.

+ Na área de proteção de CaFuringa, por exemplo, que fica próxima À CIDADE DE Sobradinho, há exploração de cimento.

+ Na prática, o que se vê é apenas cerca de 30% da vegetação brasiliense de fato protegida, através das Unidades de Proteção Integral, que admitem apenas o uso indireto dos recursos naturais.

+ O que restou de Cerrado intacto no DF, está nessas unidades – são SOMENTE cinco.

+ Parque Nacional de Brasília, Estação Ecológica de Águas Emendadas, Estação Ecológica do Jardim Botânico, Reserva Biológica do IBGE e Fazenda Água Limpa da UnB.

+ Para o coordenador do programa Cerrado Pantanal, da ONG WWF Brasil, Júlio Cesar Sampaio, é fundamental que se protejam áreas onde existem espécies endêmicas, que só vivem em determinada região.

{SONORA}

20”

{SOBE SOM}

+ Para fiscalizar as unidades de conservação no DF, uma gerência voltada especificamente para o tema só foi criada no ano passado.

+ Até então, as demandas de irregularidades em unidades de conservação eram baseadas na ouvidoria do Instituto Brasília Ambiental – o IBRAM.

+ O monitoramento era em decorrência de denúncias da população que chegavam à autarquia DO DISTRITO FEDERAL.

+ Para o superintendente de fiscalização ambiental do DF, Ramiro Martins Costa, a mudança do comportamento social em relação à conservação de unidades protegidas ocorre através do aumento de operações ostensivas. Isso quer dizer também que a mudança de fiscalização sozinha não resolve. Depende de cada um de nós

{SONORA RAMIRO}

{SOBE SOM}

+ Na terceira e última reportagem da série, as alternativas que o Cerrado preservado oferece para exploração econômica.

Com sonorização de Rafael Santos,

De Brasília,

Thiago Marcolini

APÊNDICE C - Importância econômica do Cerrado

{SOBE SOM}

+ Frutos, plantas medicinais e até mesmo unidades de conservação fazem com que o Cerrado preservado possa contribuir, e muito, para a economia do Distrito Federal.

+ O extrativismo, que é a atividade sustentável de retirar da natureza os recursos que estão à disposição, como frutos, é um exemplo.

+ Jatobá, pequi, babaçu, cagaita e araticum são algumas opções do vasto cardápio do Cerrado.

+ Dados do Instituto Sociedade, População e Natureza, centro de pesquisa e documentação independente ambiental DE BRASÍLIA, apontam que 65 árvores de pequi, em uma área equivalente a um campo de futebol, podem render QUATRO MIL E QUINHENTOS REAIS por safra.

+ É uma alternativa de gerar renda para as comunidades distantes dos centros urbanos aliada à conservação ao meio ambiente.

+ É o caso por exemplo da produtora rural do Lago Oeste Bernadete Maria da Silva.

+ Praticante do extrativismo há dez anos, ela fabrica sorvetes através dos frutos que colhe no Cerrado – e chama atenção para a castanha-de-barú

{SONORA PERSONAGEM}

{SOBE SOM}

+ A forma sustentável de exploração, no entanto, muitas vezes não avança devido à falta de divulgação dos produtos e à dificuldade de alcançar os mercados regional e nacional.

+ Para o professor da área de economia do meio ambiente da Universidade de Brasília, Jorge Madeira, o motivo do insucesso do extrativismo está ligado ao interesse de empresas de fora do Distrito Federal.

{SONORA JORGE MADEIRA

20”}

{SOBE SOM}

+ Aliada ao extrativismo, a exploração sustentável das Unidades de Conservação também aparece como alternativa quando se fala em economia do Cerrado.

+ A abertura para visitação em espaços preservados é um estímulo para economias locais, o que também pode incrementar os recursos necessários para a manutenção e a gestão destas áreas.

+ A água mineral, localizada dentro do Parque Nacional de Brasília, é um exemplo.

+ Em épocas de calor, quando o local recebe até 3 mil pessoas por dia, o faturamento pode chegar a mais de 90 mil reais por mês.

+ A qualidade de retorno financeiro do serviço ambiental, no entanto, depende do conhecimento dos ecossistemas em termos físicos e naturais.

+ Para o engenheiro florestal e analista ambiental do Instituto Chico Mendes, Alexandre Sampaio, a qualidade da gestão pública interfere no aproveitamento econômico das unidades de conservação.

+ Segundo O ENGENHEIRO, o próprio Parque Nacional de Brasília poderia gerar mais retorno financeiro.

{SONORA ALEXANDRE}

17"

{SOBE SOM}

+ Durante a série de reportagens, o Cerrado visto do ponto de vista das consequências do crescimento urbano, as falhas na legislação de proteção e a importância econômica para o Distrito Federal.

+ Mesmo com diferentes pontos de vista, os especialistas ouvidos pela reportagem têm uma opinião em comum: o BIOMA ESTÁ MAIS AMEAÇADO DO QUE NUNCA.

{SONORA FUTURO DO CERRADO}

+ E, CLARO, O QUE PESA MAIS TEM SIDO O INTEREESE comercial E NÃO DA SOCIEDADE.

+ Lembra da Dona Bernadete, a fabricante de sorvetes de frutos do Cerrado? Pois é, ela também tem um receio quanto ao futuro da vegetação.

{SONORA DONA BERNADETE}

+ Eficiência da gestão pública e consciência ambiental da população são os dois caminhos para que natureza e sociedade possam conviver em paz. E TENTEM MUDAR UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA.